

A DEMANDA POR EDUCAÇÃO INFANTIL NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO E OS DESAFIOS PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS

A importância dos cuidados com as crianças na primeira infância tem sido cada vez mais destacada apenas entre os especialistas e, com efeito, a demanda por serviços de educação e saúde para os primeiros anos de vida das crianças vem crescendo no Brasil. Compreender o perfil dessa nova demanda é essencial para planejar melhor a expansão do atendimento às crianças, especialmente para o setor público.

A Pesquisa sobre Primeira Infância, realizada pela Fundação Seade em parceria com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, coletou dados sobre a demanda por educação infantil (incluindo creches e pré-escolas) na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), caracterizando-a em diversas dimensões.¹

A população de crianças para atendimento da educação infantil compreende aquelas que frequentam creche ou pré-escola somadas às que não frequentam, mas que estão à procura ou já procuraram vagas. A pesquisa, que é representativa para o conjunto de domicílios da RMSP com pelo menos uma criança com idade entre 0 e 5, constatou que, do total de 1,7 milhão de crianças de zero a cinco anos, 1,3 milhão (ou 75%) formam o público que demanda educação infantil. Assim, existe um conjunto importante de crianças (425 mil) que não frequentam educação infantil e não estão à procura de vagas.²

¹ A pesquisa investigou 1.000 domicílios na RMSP que tinham crianças de 0 a 5 anos. Para tanto, adotou-se uma amostra estratificada em três estágios: município, setor censitário e domicílio com crianças de 0 a 5 anos.

² Para esses cálculos considerou-se a projeção de crianças de 0 a 5 anos em 1º de julho de 2014 para a Região Metropolitana de São Paulo, realizada pela Fundação Seade.

Realização



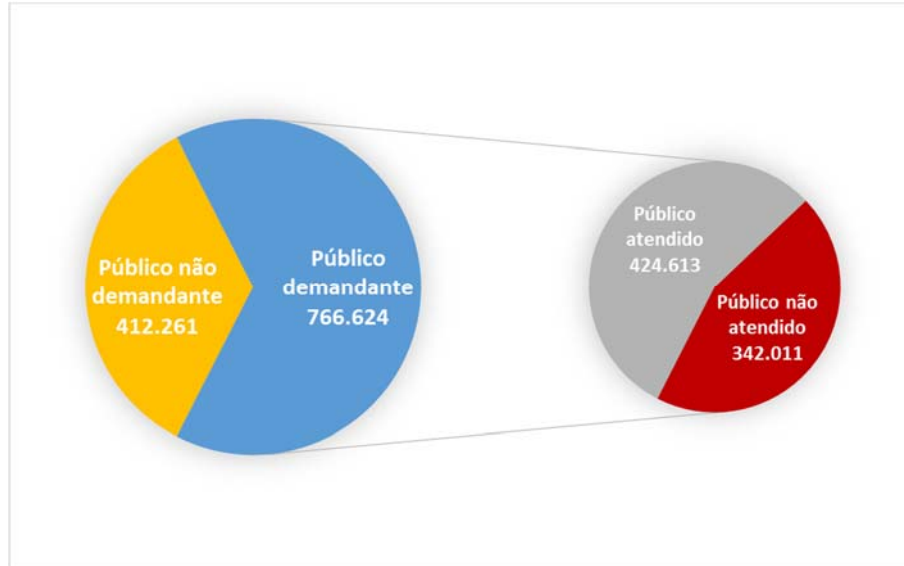
Elaboração



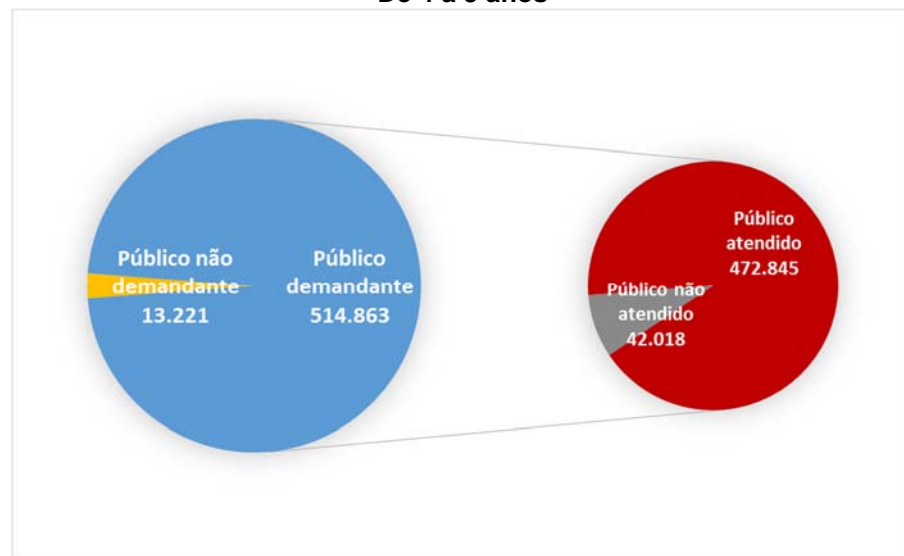
GRÁFICO 1

Demanda de atendimento na educação infantil, segundo faixa etária Região Metropolitana de São Paulo – 2014

De 0 a 3 anos



De 4 a 5 anos



Fonte: Fundação Seade; Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Pesquisa sobre Primeira Infância.
Nota: Os erros amostrais relativos para esses contingentes populacionais são inferiores a 15%.

Realização



Elaboração



Do total de crianças demandantes, 70% frequentam creches ou pré-escolas da região. Com isso, estima-se que há na RMSP um contingente de 384 mil crianças de 0 a 5 anos procurando vagas de ensino infantil, mas não estão sendo atendidas.³

Este padrão de demanda e atendimento varia muito segundo a faixa etária. A pesquisa estima que, do total de 1,2 milhão de crianças de até três anos residentes na RMSP, pouco mais de 412 mil (35%) não demandam vagas em creches. Já entre as 528 mil crianças de 4 a 5 anos, apenas 13 mil (2,5%) não estão à procura de atendimento em pré-escolas.

Essa diferença faz sentido devido à faixa etária e às preferências de alguns pais. No público de 0 a 3 anos, incluem-se crianças ainda nos primeiros meses de vida e que ainda não seriam aceitas nas creches e, portanto, estariam fora do público demandante do serviço. Soma-se a isso o fato de alguns pais preferirem que as crianças fiquem mais em casa, próximas da família, nesta fase da primeira infância. De fato, há estudos que apontam que a proximidade com a família nestes primeiros anos parece ser saudável para as crianças.

Com relação ao atendimento da demanda, os padrões também são diferentes. Pouco mais de 342 mil crianças de até três anos procuram vagas em creches, mas não encontram. Isso corresponde a quase metade do público demandante. Já entre as crianças de 4 a 5 anos que demandam vagas em pré-escolas, apenas 42 mil estão deixando de frequentar (menos de 10% da demanda). Assim, a pesquisa revela que 384 mil crianças de 0 a 5 anos não são atendidas por creches e pré-escolas, mas estão à procura de vagas. E o problema se concentra mais na capital, onde vivem 60% dessas crianças.

As áreas vulneráveis dos municípios da RMSP, segundo definição do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social,⁴ são as que mais concentram o público não atendido. Nestes bairros, mais da metade (54%) das crianças de 0 a 3 anos não encontram vagas nas creches em que procuram. Este índice de não atendimento é de 11% para crianças de 4 a 5 anos residentes

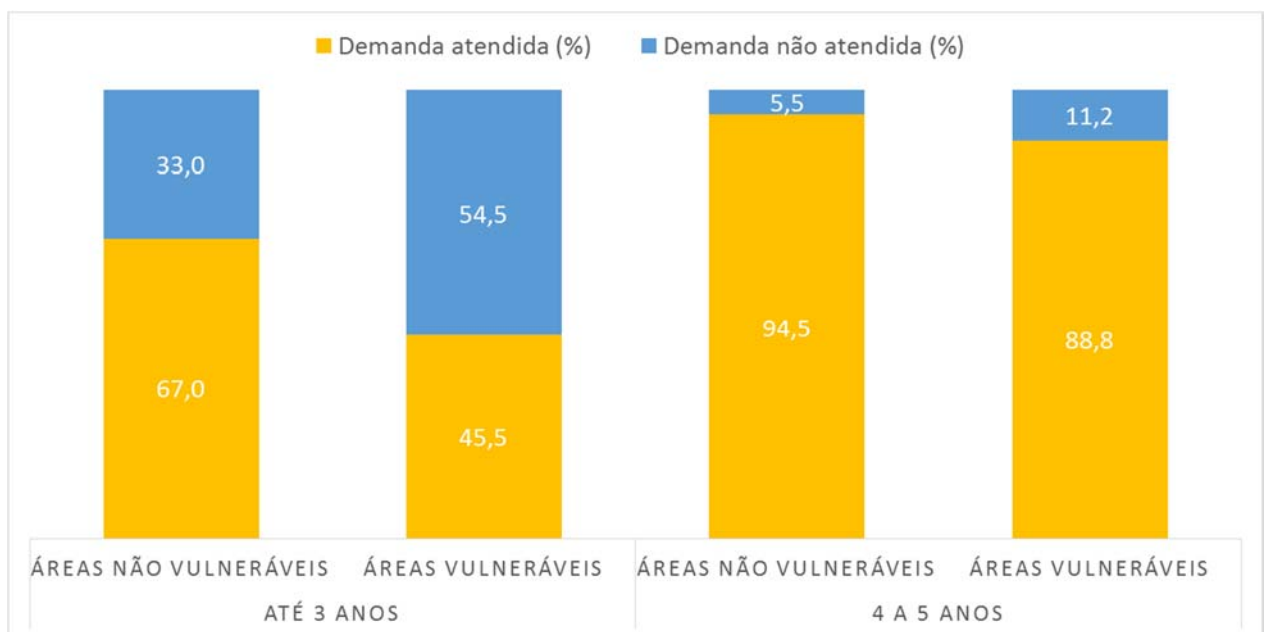
³ Esta taxa de atendimento é conceitualmente diferente do que é adotado na meta 1 do Plano Nacional de Educação, que estabelece “universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches, de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE”. Portanto, como base para cálculo do atendimento, a meta utiliza o total de crianças em cada faixa etária. Neste estudo, usamos como base para cálculo do atendimento o total de crianças que efetivamente demandam educação infantil.

⁴ Foram consideradas áreas vulneráveis os setores censitários classificados como de média, alta e muito alta vulnerabilidade social pelo Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS 2010 (<http://indices-ilp.al.sp.gov.br/view/index.php?prodCod=2>).

em bairros vulneráveis e, apesar de parecer pequeno, é duas vezes superior ao não atendimento nos bairros não vulneráveis.

Dito de outra forma, as áreas vulneráveis da Região Metropolitana concentram 258 mil crianças de até cinco anos (das quais 228 com até três anos) não atendidas pela educação infantil. Esses números representam um desafio importante para o setor público (em especial para as prefeituras), já que em áreas vulneráveis a maior parte da demanda tende a ser por vagas gratuitas, devido à carência das famílias.

GRÁFICO 2
Demanda de atendimento na educação infantil, por local de residência e faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2014



Fonte: Fundação Seade; Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Pesquisa sobre Primeira Infância.

Nota: Os erros amostrais relativos para esses percentuais são inferiores a 20%.

De fato, para famílias com crianças de até 3 anos, há uma prevalência maior daquelas com renda até dois salários mínimos entre as não atendidas (45%). Entre as crianças de 4 a 5 anos vemos o mesmo padrão. Entre as famílias não atendidas, 38,2% tem renda até dois salários mínimos.

Realização



Elaboração



Faixas etárias e características das famílias	Demanda			
	Atendida (1)		Não atendida (2)	
	N. Abs.	% (3)	N. Abs.	% (3)
Até 3 anos Situação de trabalho do responsável: tem trabalho / faz bico	358.473	84,4	281.582	82,3
Renda familiar: até 2 salários mínimos	122.048	29,2	156.134	44,8
Motivos para não frequentar: falta de vagas perto de casa	-	-	294.884	86,2
4 a 5 anos Situação de trabalho do responsável: tem trabalho / faz bico	408.702	86,4	36.994	88,0
Renda familiar: até 2 salários mínimos	105.243	22,5	17.729	38,2
Motivos para não frequentar: falta de vagas perto de casa	-	-	36.529	86,9

Fonte: Pesquisa de Vulnerabilidade Familiar.

(1) Frequenta creche ou pré-escola.

(2) Não frequenta creche ou pré-escola, mas procurou vaga.

(3) Porcentagem calculada sobre o total de crianças atendidas/não atendidas por cada a faixa etária.

Além disso, a pesquisa aponta que mais de 80% dos responsáveis pelas famílias não atendidas trabalham fora de casa. Esse dado aumenta a importância do atendimento de educação infantil no sentido de deixar os responsáveis mais livres para trabalhar, sobretudo em famílias mais pobres.

A pesquisa apurou, ainda, o que tem impedido as famílias de conseguir as vagas que procuram. Segundo os entrevistados, a principal razão para o não atendimento em creche ou pré-escola é a falta de vagas perto de casa, indicada por 86% e 87% dos responsáveis, respectivamente, por crianças de até três anos e de 4 a 5 anos.

Dessa forma, a pesquisa realizada pela Fundação Seade e Fundação Maria Cecília Souto Vidigal gera importantes lições de política pública para continuidade da expansão da educação infantil na Região Metropolitana.

Primeiro, a maior carência está na oferta de vagas de creches, sendo que a maior parcela das crianças não atendidas encontra-se nas áreas mais vulneráveis e periféricas da RMSP.

Realização



Elaboração



Segundo, o perfil das famílias não atendidas revela a necessidade de vagas nas proximidades da residência ou do trabalho, já que grande parte dos responsáveis trabalha, e de gratuidade na oferta, pois as famílias que mais sofrem com a falta de vagas são justamente as de baixa renda, que não poderiam arcar com os custos de creches e pré-escolas privadas.

Tudo isso aponta que o poder público, especialmente os municípios, deve focalizar esforços na criação de vagas gratuitas de creches, seja via administração pública ou em convênios privados, localizadas nas áreas mais carentes da Região Metropolitana de São Paulo.

Realização



Elaboração

